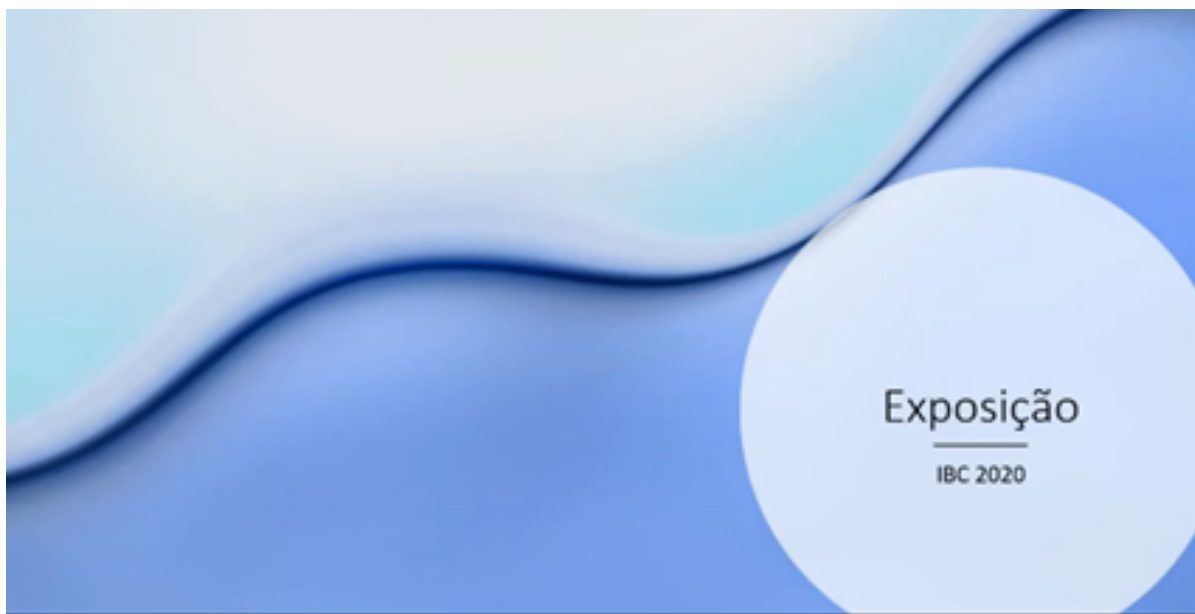


ROTEIRO EXPOSIÇÃO VIRTUAL - MEMÓRIA DO TRABALHO

18,19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2020



ROTEIRO EXPOSIÇÃO VIRTUAL - MEMÓRIA DO TRABALHO

Roteiro que trata do passo a passo da elaboração e execução de um produto educacional, elaborado para cumprir a etapa final do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica no IFRJ- PROFEPT.

O projeto foi uma exposição realizada de forma remota, por conta do isolamento social da COVID-19, utilizando um único recurso de acessibilidade, a audiodescrição, e visou suscitar reflexões críticas sobre a ausência de pessoas com deficiência visual em memórias históricas pontuais sobre o trabalho, presentes no elenco das imagens selecionadas.

A execução do projeto se deu com um único público-alvo; à saber: os discentes cegos e com baixa visão, do curso técnico em Artesanato Integrado à Educação de Jovens e Adultos (Proeja), com habilitação em Artesão Ceramista; Artesão Escultor; Artesão em Serigrafia, curso este criado no ano de 2019, no Instituto Benjamim Constant, RJ.

Este produto é parte integrante da dissertação "ACESSIBILIDADE SENSORIAL E MEMÓRIA DO TRABALHO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL"



"ROTEIRO- EXPOSIÇÃO VIRTUAL MEMÓRIA DO TRABALHO" de Renata Silencio de Lima e Heleno Álvares Bezerra Júnior está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

ROTEIRO EXPOSIÇÃO VIRTUAL - MEMÓRIA DO TRABALHO

18,19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2020

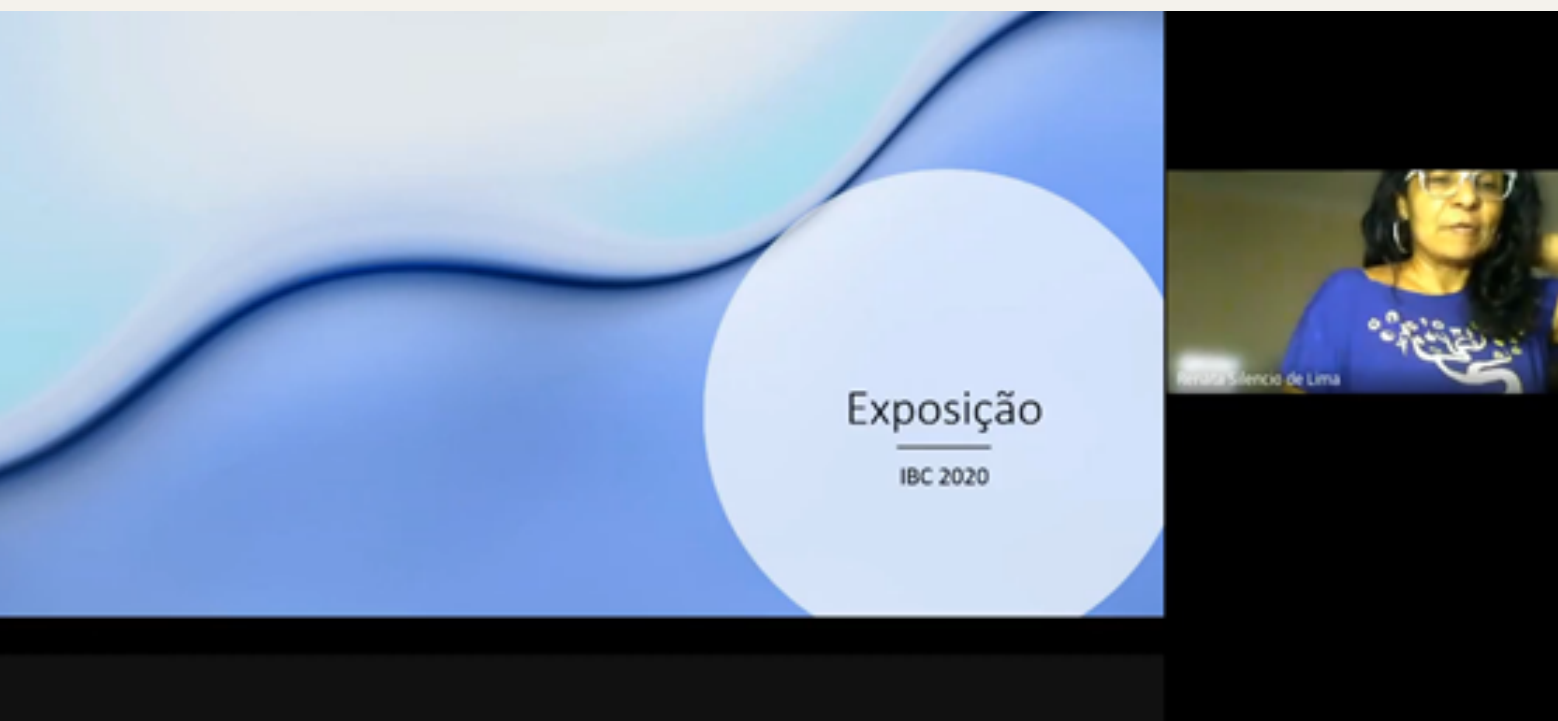
A exposição em formato remoto aconteceu entre os dias 18, 19 e 20 de novembro de 2020, na plataforma digital Google Meet, através de apresentações de 8 imagens em PowerPoint, sendo elas quadros e fotografias áudio descritas.

Considerando a disponibilidade dos discentes e a possível oscilação do sinal da internet, mais de uma apresentação foi necessária.

Cada encontro teve, em média, 45 a 60 minutos de duração no total.

Foram 6 participantes ao todo, sendo que alguns assistiram à exposição adaptada mais de uma vez por livre e espontânea vontade, pois gostaram da atividade.

Com isso, houve uma participação diária de aproximadamente 4 a 3 discentes. Para efeitos de esclarecimentos, informamos que, segundo o PPC do Curso Técnico de Artesanato Integrado a Educação de Jovens e Adultos ao qual tais discentes pertencem, há a oferta de 6 vagas para cada habilitação, que são Artesão Ceramista; Artesão Escultor; Artesão em Serigrafia. Isso esclarece o porquê de um público reduzido.



ETAPAS DE EXECUÇÃO

BREVE ROTEIRO DA ESTRUTURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL

1. ESCOLHA DAS IMAGENS

As pesquisas e escolhas das imagens, aconteceram concomitantemente a escrita do projeto, visando a execução do produto educacional, dentro do diálogo previsto no objetivo do projeto e coadunando com as diretrizes do EPT.

2. PRODUÇÃO DOS TEXTOS DE AUDIODESCRIÇÃO

Os textos da audiodescrição, tiveram três fontes. As imagens das obras de Portinari, já tinham o recurso, para as demais imagens contratamos uma profissional de audiodescrição e uma aluna do pesquisadora fez voluntariamente alguns textos.

4. MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO E TESTE

Seguindo o roteiro proposto, criou-se em um programa de exibição de imagens digital, no caso PowerPoint, a exposição, colocando neste somente as imagens.

Após esta etapa, testou-se em sala digital, no Googlemeet a imagem e som.

Concomitante elaborou-se o questionário virtual, na plataforma Googleforms, para captação das impressões dos participantes.

3. ENCONTRO DE APROXIMAÇÃO COM OS ALUNOS

A aproximação com o público alvo foi essencial para estabelecer a metodologia e formato que dialogassem de forma equânime com eles.

Deste modo houve um encontro virtual, acompanhado pelas professoras de artes da turma selecionada, visando um breve reconhecimento dos participantes.

5. EXECUÇÃO DA EXPOSIÇÃO VIRTUAL

Após a aproximação com os discente, houve mais um afinamento no contato, obtive tanto os e-mails, como os números de telefones dos participantes, para envio das autorizações de participação, criação de um grupo de WhatsApp e para encaminhar os convites virtuais da exposição. Terminada esta etapa, executou-se a exposição, dentro do formato proposto. A cada imagem visualizada, a audiodescrição era executada. Ao final um pequeno debate e o envio do questionário de avaliação para os participantes, através do Googleforms.

Além da audiodescrição, houve a contextualização quanto ao período histórico para cada obra e as relações de trabalho de cada época representada pictoricamente para que os alunos fossem conduzidos a perceber a ausência das pessoas com deficiência visual em cada período que foi abordado. Antes de conhecermos a realidade dos alunos aos quais tivemos acesso, tivéramos a intenção de falar sobre questões legislativas antes e durante o cumprimento da Lei nº 8.213/91 bem como os recentes retrocessos, quebrando a obrigatoriedade de quotas para pessoas com deficiências. Contudo, conforme os alunos com deficiência visual inscritos no PROEJA também apresentavam limitações cognitivas, a explanação sobre questões da legislação foi pincelada no sentido de salientar que a obrigatoriedade das vagas para o público alvo já existiu e deve consistir em um direito pelo qual pessoas com deficiência visual devam lutar. Isso para que tal direito seja restabelecido e haja um mercado de trabalho mais democrático e bem mais inclusivo.



EXPOSIÇÃO Ibc (2020-11-18 at 10:15 GMT-8)

Pressione Esc para sair do modo tela cheia

2:27 / 40:42

A exposição em si, apresentou um roteiro de quadros divididos nas seguintes temáticas:

1) Uma antiga perspectiva sobre o deficiente visual como um ser inapto ao trabalho:

Embora o objetivo fosse focar a realidade histórica do deficiente visual no Brasil, fim de provocar uma reflexão inicial sobre as relações de trabalho, fizemos a utilização de uma imagem que remetesse ao período medieval, para mostrar a visão do cego como um indivíduo inútil e inapto, algo culturalmente estabelecido no Brasil. Para tanto, utilizamos um recorte da pintura Parábola do Cego do artista renascentista Pieter Bruegel, que retrata homens destituídos de visão tentando guiar um ao outro, para ilustrar a ideia equivocada da incapacidade de pessoas com deficiência visual. Assim sendo, descrevemos a imagem e focamos no trabalho servil bem como na falta de mobilidade social e o impedimento de ascensão social além da exclusão das pessoas cegas no fazer laboral durante a Idade Médica. Nas pesquisas sobre quadros de pessoas cegas trabalhando, não foram encontradas obras artísticas que as retratassem no exercício do trabalho. E, quando encontrada alguma imagem, as pessoas com deficiência visual apareceram como pedintes ou em situações de constrangimentos: aspecto este que prenuncia a exclusão do cego no mercado de trabalho em grande parte da História Moderna Ocidental.

Fig 1 – Parábola do Cego



Fonte: Site Pieter the Elder Bruegel

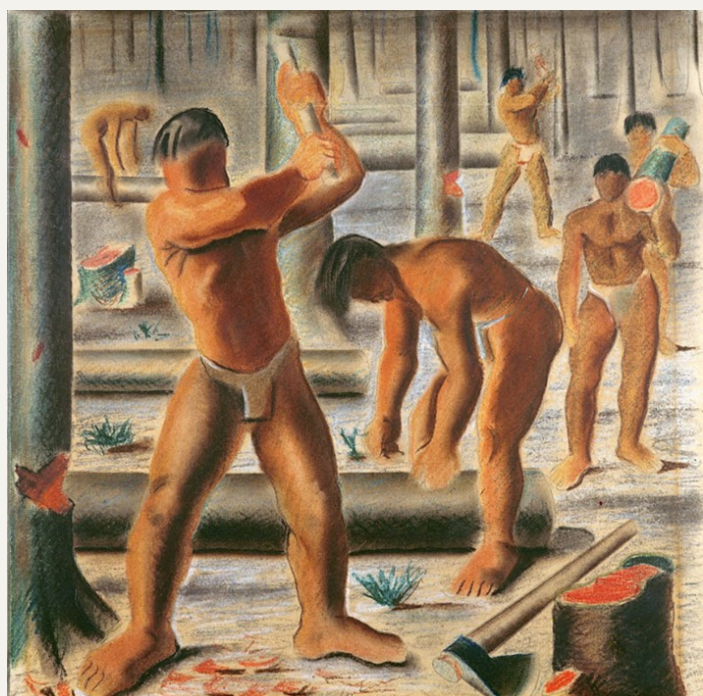
TEXTOS DA AUDIODESCRIÇÃO

Imagem composta por tons terrosos, bege, verde acinzentado e escala de cinza. Cena de época provavelmente feudal de dois cegos [deficientes visuais], um sendo o suporte do outro. Desenho configura-se por: no plano da frente estão dois homens de pele clara um posicionado à direita e o outro à esquerda, mas ambos de perfil para a direita da imagem. O homem que está à esquerda da imagem é bem magro, tem cabelos curtos brancos, cavidades oculares fundas, chapéu cinza sobre à cabeça e vestes antigas com capa sobre os ombros; ele está com a mão esquerda apoiada sobre o ombro direito do homem que está à direita da imagem. O homem que está mais à direita tem barba e cabelos pretos, nariz pontiagudo, olhos esbranquiçados, vestes e adereço de cabeça antigos e capa sobre os ombros. Um pouco atrás, do lado esquerdo da imagem, há uma árvore alta de galhos finos e folhas pequenas. No plano central, há telhados de casas. A casa do centro está virada para a frente da imagem e apresenta seu segundo andar composto por telhado de palha em formato triangular, sacada de madeira com janela aberta e paredes de barro. No plano mais afastado, como cenário, um campo elevado de terra barrenta e vegetação baixa.

2) O trabalho durante a extração de pau-brasil por meio de mão de obra indígena:

Neste momento, saímos do período medieval e entramos na idade moderna e no Brasil. A obra escolhida Pau-Brasil de Cândido Portinari. Quadro que retrata indígenas cortando árvores de pau-brasil, além de ser uma obra de fácil reprodução tátil. Lembrando aqui que a proposta inicial do projeto era presencial seria uma exposição de pinturas adaptadas de forma tátil, acompanhada de audiodescrição previamente gravada e ouvida por fones; mas, devido à pandemia. O quadro Pau-Brasil retrata um período marcante na história nacional no período pré-colonial entre 1500 e 1530, quando a mão de obra para a extração de madeira era ainda indígena. Uma fase de extração desenfreada com atividade predatória no tocante ao Pau Brasil. Neste quadro foi apresentada a mão de obra escrava e a ausência de pessoas com deficiência visual em atividades laborais e a falta da possível adaptação para receber este grupo dentro do contexto em questão.

Fig 2 – Pau Brasil



Fonte: Projeto Portinari

TEXTOS DA AUDIODESCRIÇÃO

Composição nos tons terras, ocre, cinzas, vermelho, verde, preto e branco. Áreas de cor e sombreados. Cena de índios em floresta, derrubando árvores de Pau-Brasil. No primeiro plano, à esquerda, índio em pé de frente, com as pernas afastadas e braços levantados para a direita, segurando um machado com as duas mãos, em atitude de dar um corte na árvore que está à sua direita já com a base do tronco parte cortada. À direita, tronco de árvore cortado e machado no chão do lado esquerdo. No segundo plano, à direita do centro, índio em pé, com o corpo inclinado de perfil para a esquerda, os braços para baixo como se fosse pegar o tronco que está no chão, no sentido horizontal, entre as suas pernas. No terceiro plano, à direita, dois índios em pé, de frente, um atrás do outro e carregam o mesmo tronco de árvore no ombro esquerdo. Mais atrás, um índio em pé, na mesma atitude do primeiro índio, cortando árvore. Estes índios usam sungas e estão descalços e não têm traços fisionômicos definidos. Mais ao fundo, à esquerda, índio menos definido, voltado para a direita, inclinado sobre tronco que está entre suas pernas. Alguns troncos cortados, espalhados por todo o chão. Em toda a composição, árvores dispostas simetricamente, das quais se veem apenas os troncos e são mais numerosas para o fundo (PROJETO PORTINARI -2019).

3) A mão de obra escrava no cultivo de cana de açúcar no Nordeste Colonial e na produção de café durante o Segundo Império Brasileiro:

Continuando a linha do tempo, por questão de recorte, para os períodos compreendidos entre os séculos XVII e XIX, destacamos o período da escravidão, focando nas atividades agrícolas do Brasil Colônia e do Brasil Império, abordando, respectivamente, o cultivo da cana-de-açúcar e o plantio do café, tendo como característica comum, a mão de obra escravizada, composta por africanos de diferentes etnias trazidos para cá bem como afro-brasileiros (PINSKY, 1988). Para ilustrar o plantio da cana-de-açúcar, trouxemos a aquarela Engenho de Cana – São Carlos por Hercule Florence (1804-1879), francês radicado no Brasil e um dos pioneiros da fotografia no mundo.

Fig 3 – - Engenho de cana – São Carlos



Fonte: Coleção Cyrillo Hércules Florence

TEXTOS DA AUDIODESCRIÇÃO

Imagem composta por tons amarelados e amarronzados, além de tons de branco, azul e verde. Cena de um galpão colonial de produção de cachaça a partir de moenda de cana-de-açúcar movida por bovinos e abastecida por pessoas negras escravizadas. Imagem em plano aberto de um galpão de madeira com chão de terra. Na parte inferior da imagem, à direita, há uma pessoa negra de costas, virada para a esquerda, de pernas afastadas, carregando sobre o ombro esquerdo um feixe de cana-de-açúcar. No plano seguinte, no centro, há outra pessoa negra de perfil inclinada para o lado esquerdo, manuseando feixes de cana-de-açúcar encostados em um artefato grande todo de madeira composto por estrutura, cilindros e uma roda. A roda está na horizontal sob a parte de cima da estrutura presa ao telhado de telhas por uma viga de madeira. Do teto saem mais duas vigas de madeira na diagonal, uma para a direita da imagem e outra para a esquerda. No plano central ainda, à direita da estrutura, há uma pessoa negra de costas virada para o lado esquerdo sentada em um banco alto de madeira, manuseando caules de cana-de-açúcar. À esquerda da imagem há mais quatro bovinos de frente virados para o lado esquerdo, uma cerca de madeira que separa o galpão de um campo verde com árvores de troncos altos e folhagem escassa. À direita da imagem, está a quarta pessoa negra totalmente de costas, com quatro bovinos também de costas acoplados à viga que sai do teto para o lado direito da imagem e um amontoado de cana-de-açúcar.

3) A mão de obra escrava no cultivo de cana de açúcar no Nordeste Colonial e na produção de café durante o Segundo Império Brasileiro:

No tocante ao plantio de café, áudio-descrevemos a obra *Lavrador de Café* de Cândido Portinari. Ambos os quadros trazem a imagem de pessoas negras no labor. Quanto a isso, voltamo-nos para as informações relevantes sobre o martírio e atrocidades provocados pela escravidão; e, outra vez, o público foi motivado a analisar a da ausência de mão de obra de pessoas com deficiência visual.

Fig. 4 – *Lavrador de Café*, por Cândido Portinari



Fonte: Projeto Portinari

TEXTOS DA AUDIODESCRIÇÃO

Composição nos tons terras, azuis, verdes, cinzas, lilases, branco, preto e ocre. Textura lisa e pinceladas marcadas em vírgulas.

Composição representando lavrador de café mulato, em pé com enxada na mão, contra fundo de paisagem ao ar livre com cafezal e trem.

A figura está de frente ocupando a quase totalidade da altura do suporte.

Tem corpo vigoroso, cabeça quase de perfil para a esquerda; cabelos pixains, testa estreita, olhos pequenos, separados, voltados para esquerda, nariz curto e largo, lábios exageradamente grossos característicos da raça negra e pescoço curto e largo. Usa camiseta de malha lilás de mangas curtas e calças arregaçadas até o meio das pernas e pés descalços. Braço esquerdo caído ao longo do corpo com a mão entreaberta, braço direito esticado para frente segurando o cabo de uma enxada, como se estivesse apoiando seu peso sobre ela. A enxada está na vertical, ligeiramente na diagonal com a lâmina para trás. Tem as pernas ligeiramente desproporcionais, curtas e levemente tortas; a esquerda está esticada com pé para frente e a direita ligeiramente flexionada com o pé de perfil para direita. A figura está pisando em área escura, sugerindo ser um morro, vendo-se tronco de árvore cortado à direita e pequeno montículo. Ao fundo, em região mais baixa e em tons mais claros, vê-se: região ligeiramente acidentada de terra roxa não cultivada, e à esquerda da composição, estrada de ferro, em diagonal da frente para o fundo, por onde está passando trem de quatro vagões e Maria Fumaça, atrás da qual, estende-se até linha do horizonte, cafezal em perspectiva em terreno plano. À direita, continuação do cafezal e dois morros próximos à linha do horizonte. Faixa larga de céu azul com nuvens roliças. Luz incidindo pela esquerda da composição, criando área de sombra sobre a pá da enxada e sobre o peito do lavrador (PROJETO PORTINARI – 2019).

4) Reflexões sobre a industrialização ocidental e objetificação do ser humano no sistema capitalista:
Para ilustrar o período industrialização ocidental que, gradativamente, chegou ao Brasil, apresentamos o quadro da artista nacional Djanira, intitulado Fábrica , rico em elementos que compõem a imagem de uma tecelaria. Na contextualização da obra, aludimos à produção fabril, à produção de insumos, e à falta de adaptação para pessoas com deficiência visual neste ramo. Trouxemos uma reflexão da produção em série e grande escala para tratarmos da objetificação humana em espaços e condições de trabalho.

Fig 5 – Fábrica



TEXTOS DA AUDIODESCRIÇÃO

Fonte: Escritório da Arte

O painel retrata unidades da linha de produção de uma fábrica. Diversos trabalhadores executam funções específicas e quase todos eles operam máquinas e equipamentos.

O piso e a parede ao fundo são compostos de formas geométricas, principalmente quadrados e retângulos. A parede tem dois tons de azul, com uma faixa horizontal e um triângulo cor de rosa claro, que emoldura uma das máquinas da fábrica. O piso tem tons pastéis, amarelados e esverdeados em xadrez, com alguns caminhos em marrom entre as diferentes unidades da produção.

Os trabalhadores são em sua maioria negros e pardos. Seus rostos não tem nariz, boca e olhos. Alguns deles vestem um uniforme azul, outros vestem um jaleco branco e suas posturas corporais denotam concentração.

Bem à frente, há um homem de calça marrom e camisa azul clara que lê um papel bem próximo ao seu rosto. Ele está ao lado de uma bancada onde três trabalhadores manipulam um equipamento. Um outro homem observa a cena mais à direita. Em sua frente, há outra grande máquina, sendo operada por um trabalhador que está de costas.

Mais à direita, há um trabalhador em cima de um pequeno tablado, que segura uma corrente no alto, com dois cilindros em volta. Ao fundo, um trabalhador está sentado e manipula uma peça em uma mesa. Ao centro e ao fundo há outra máquina grande e complexa, com dois trabalhadores que a operam e outro, de camisa, que observa a cena.

À esquerda, há outro trabalhador em cima de um pequeno tablado que mexe em correntes. Mais à frente e à esquerda, há um trabalhador escorado na bancada de uma outra grande máquina. Ele está de costas e olha para o lado, onde está o homem que lê o papel. A linha de montagem tem forma circular.

4) Reflexões sobre a industrialização ocidental e objetificação do ser humano no sistema capitalista: Como a industrialização remete à força do capitalismo, e por não termos encontrado outra obra nacional que retratasse o sistema de produção fabril, escolhemos o impactante quadro *Portrait of America - the New Freedom* do artista mexicano Diego Rivera, pois ela propõe uma crítica à escravidão e a mecanização humana que visa o lucro. A imagem foi áudio descrita para os discentes, a fim de provocar um questionamento sobre a condição social do trabalhador, o sistema, o dono da empresa, o foco no lucro etc.

TEXTOS DA AUDIODESCRIÇÃO

Fig 6-Portrait of America - the New Freedom



Fonte: The Glass Magazine

O quadro retrata trabalhadoras em uma fábrica e homens em uma prisão. À esquerda, há várias mulheres operando uma grande máquina. Elas estão sentadas lado a lado e, com a perspectiva adotada no quadro, não se percebe onde a máquina termina, dando a sensação de infinito.

Todas usam de uniforme um vestido azul e tem expressão neutra. Há mulheres brancas e de pele parda. Elas olham levemente para baixo, onde o trabalho está sendo realizado, em um mesmo ângulo de inclinação. A mulher que está mais à frente usa uma luva com uma pulseira que está conectada por um cabo à parte de trás da máquina. Ela segura uma placa que está sendo perfurada com cortes iguais, no formato de fechadura. Atrás das mulheres, há um homem que as observa, vestindo chapéu, óculos escuros e com expressão séria.

Acima à direita, há um homem negro sendo castigado. Ele está de costas, com os braços esticados para cima e para os lados, com os punhos amarrados em uma grade. Um guarda, também negro, bate em suas costas nuas e feridas com um objeto. Ao fundo, há a chaminé de uma fábrica emitindo fumaça escura. Mais abaixo, há vários rostos de homens atrás de grades, como em uma prisão. Todos são negros e estão de olhos fechados com expressões tristes e doloridas, à exceção de dos um homens, que está de olhos abertos e com as mãos na grade. Ele olha firmemente para quem observa o quadro.

5) Trabalhadores com deficiência visual.

Fechando a exposição com o olhar contemporâneo, e com o intuito de completar o simbólico quebra-cabeça em torno do alijamento de pessoas com deficiência visual em produções de trabalho em diferentes momentos históricos, trouxemos, de modo adicional, fotografias de trabalhadores com deficiência visual na área de artes, já que os alunos são estudantes de artesanato no IBC. Assim, apresentamos a imagem de Dona Sônia, artesã cega de Pernambuco bem como a fotografia de John Bramblitt, pintor cego dos EUA, ambas com audiodescrição, para provocar um debate sobre possibilidades de suas futuras atuações dos alunos no mundo do trabalho e promover a identificação dos mesmos com os artistas elucidados. Assim sendo, apontamos os desafios e conquistas presentes na realidade de tais pintores para motivar os discentes participantes, porém não deixando de trazer à reflexão a ausência de pessoas com deficiência visual no mercado de trabalho devido à conjuntura política, a flexibilidade da legislação e a importância da adaptação dos espaços de labor para receber o público em voga.

Fig 7 – Dona Sonia



Fonte: Portal G1

Fig 8– John Bramblitt



Fonte: DEMPTYSPACE.

TEXTOS DA AUDIODESCRIÇÃO

Para estas imagens não houve texto prévio, no momento da exposição foi executada a leitura das imagens.

BARBOSA, Marina. Em PE, artesã cega leva anjos de barro sem rosto para a Fenearte, 2015. Portal G1. Disponível em:

<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2015/07/em-pe-artesa-cega-leva-anjos-de-barro-sem-rosto-para-fenearte-2015.html> Acesso em 15 de set.2019

DEMPYSPACE. Painting Blind With Visually-Impaired Visual Artist John Bramblitt [Pintando cegos com o artista visual com deficiência visual John Bramblitt]- Disponível em: <https://medium.com/demptyspace/painting-blind-with-visually-impaired-visual-artist-john-bramblitt-43bf07ec2e3d> . Acesso em 14 set. 2019

Debate

Após a exposição de todas as imagens, provocamos uma pequena roda de conversa/debate em todos os encontros virtuais, para abordar as percepções de cada aluno, todos tiveram seu momento de fala. Sobretudo, neste momento, procuramos valorizar o lugar de fala dos participantes e suas visões de mundo. Visamos frisar a importância das políticas públicas afirmativas e o retorno à obrigatoriedade de quotas para trabalhadores com deficiências visuais e outras e a importância do papel que esses jovens precisam desempenhar na reivindicação dos seus direitos garantidos pela constituição, porém não cumpridos na prática. Percebemos também uma relação afetiva de alguns participantes que, por apreciarem o projeto e querendo apreender melhor o conteúdo proposto, assistiram às videoconferências mais de uma vez, o que mostra uma afinidade com o projeto e com a pesquisadora que o conduziu.

